

A morte do palhaço

Os seus papeis

O *diário* de K. Mauricio é constituído pelos pedaços de alma que ai vão. É um monólogo destacado e rouco, com frases incompreensíveis por vezes e quási sem ligação. Alguns pedaços eu corto: é que há coisas que se não publicam—farça para que os outros se riam, dores para que os outros sintam piedade. Lembra-me um clown que tivesse por força de fazer rir a multidão ignara. Esses corto-os e para mim os guardo; os outros ai vão, apesar de ver que perdêm o interêsse com que sangram aqui, neste caderno de papel gelado, nestes serrabiscos que teem vida e contam a sua dor.

Tal como são dão-me, porém, o que nesse tempo, já remoto, se chamava um estado de alma. Parece que êle, em noites de desespero, fazia literatura da sua dor para se esquecer. São frases bruscas às vezes, páginas entrecortadas e monólogos espremidos do fel. E súbito, num acesso, julga-se ouvir uma boca dizer-nos, na noite e ao ouvido, segredos que nos transem.

Todo êste *diário* é áspero, com frases inacabadas, monó-

logo de quem vai numa subida a pique, mas, como é vivido e sofrido, amo-o e entenece-me, como se o próprio K. Mauricio, numa longa conversa, me mostrasse a sua alma de grotesco, incompleta, mas tam dolorida e tímida, que me enche de piedade. A cada ilusão morta, como a sua sensibilidade estremece e como êle chora! Que estranho pessimista êste, tam ingénuo! Decerto que nem sempre foi sincero, mas no *diário* raro pensou que teria leitores, assim como em todas as páginas que a seguir transcrevo, e em muitos pedaços atirados para o papel numa sofreguidão de se contar..

Às vezes termina o monólogo, para se seguir, como em todas as páginas do *diário*, em que a dor raciocina, bruscos ressaltos de Loucura e de Sonho. Esta mecânica ingénua de opor à Realidade o Sonho, a uma ilusão morta uma ilusão viva, de quantos imaginativos não é o único amparo!... Amálgama curioso, duma decifração difícil às vezes, incompleto, com notas para livros—notas que eram apenas uma maneira de se iludir—não é bem uma vida, bem uma alma?

Quantas vezes, ao lê-lo, me parece que escuto uma voz que me conta toda a minha mocidade, com cansaços súbitos, desespêros, e êste: amanhã! amanhã! que sem cessar me repito.

*
* *
*

«É sempre a mesma coisa há meses, a mesma ansiedade sem causa e que não sei donde vem. Parece-me que espero uma desgraça desconhecida, uma catástrofe que ignoro e que nunca chegará. Ouves, que nunca chegará? Vivo alheado e só esta inquietação me domina e enche. Sobressalto-me com o menor ruído imprevisto: a porta que se fecha é para mim uma angústia. Antes o desabar da catástrofe me estatelasse no solo, do que êste terror contínuo e a inquietação do que é vago, o aflitivo do nada.

O findar das tardes nesta primavera é-me doloroso. Quasi nunca saio. É na prisão do meu quarto andar que teço estas ideas. E às vezes sinto a impressão de que o meu quarto está cheio de teias de aranha, a tal ponto eu tenho aqui imaginado e sofrido... Sobretudo, ao fim da tarde é tão triste! A luz entra pelas grades, pálida como clarões de almas que se extinguem. O crepúsculo enche-me de nostalgia. Lembro-me de coisas de outrora, e é como sôbre mim passasse o afago de olhares tristes de todos os que amei. Tenho pena do que não vivi, da luz e das árvores que não vi, de todos os sonhos que me não lembram; do meu quimérico passado, há mil anos, quando fui Rei e Poeta; e parece que uma parte do meu ser morre neste instante, irremediavelmente, na luz que se extingue. Amanhã já não serei o mesmo: a minha alma deve fazer diferença. Deixa-me explicar-te isto melhor: é como se eu fôsse composto de diferentes seres, cada um com as suas ideas, os seus sonhos e as suas ilusões, e por cada tarde que finda, na luz que cerra os olhos, um desaparecesse para sempre, levando uma parte de ventura e de tristeza...

Há tardes que se evolvem como perfumes; enchem de nostalgia e enervam...

É pois certo? Sabes que não tenho a culpa. Há outro ser dentro em mim que faz, sob a minha vista, tudo o que é mau, sem que eu tenha energia para protestar, nem para me opor... Porque é que eu sofro com tudo e porque apenas as coisas simples e inesperadas me encantam? Um galho de árvore tocado de clara luz, que porventura encontro no caminho, um sorriso de mulher que passa e que eu nunca saberei quem é, apesar de o guardar no coração, um desmaio de céu ao sol pôr... E, ainda nestas coisas, o prazer vem tecido de amargura: é uma tristeza deliciosa, como a dum amor que vai findar e de que a gente se apressa a beber os últimos olhares, feita, eu sei! da pena de não ser a árvore, o sorriso, de os não ver todos os dias, de talvez os não sentir mais fundo... Para os outros gosos de que falas e para que vou de propósito, levo então sempre comigo um dos múltiplos seres de que sou composto, acordado e de pé — a Dúvida. Não me abandono nunca: vou a raciocinar, já de antemão tendo visto tudo, e tendo medo da amargura que resta sempre na alma... Duvido de tudo, até das coisas mais simples, de forma que apesar da minha sensibilidade fina e parece que feita de propósito para o gosó — convertido sempre em dor. Sou como uma guitarra afinada de mais e a que estalam as cordas...

Vocês têm reparado numa coisa?... Que se vertem lágrimas unicamente por vermos os olhos de outro doentes...

E por uma questão de alma idêntica que damos esmola e que temos pena das desgraças alheias. A piedade é afinal por nós e não pelos outros...

É como quando sei que estou a fazer uma coisa má e contínuo; quando sei que estou a fazer sofrer alguém que amo e contínuo. Há uma parte do meu ser que se revolta, mas não sei que fatalidade me impele e me faz ainda, para me esquecer, fazer peor...

Hoje, por exemplo, foi para mim um dia de exaspero destes dias em que não amo ninguém — e agora bastou esta macieira, como uma frase sentida e arrancada do fundo do coração numa conversa estéril e seca, para me arrasar os olhos de lágrimas... Como eu sou contraditório!

Eu não compreendo a amizade assim, nem o amor assim... Parecem-me gelados, e faço sempre até da segura uma paixão. A piedade que tenho pelos bichos estende-se às duras pedras dos caminhos. Acredito que tudo sofre, que tudo tem alma e emoção — as árvores, as criaturas e os calhaus. E até, sabe-o, já uma vez me aconteceu ter lágrimas pela sorte duma árvore que nem minha conhecida era.

A vida parece-me uma coisa má, tumultuária, indefinida, onde as criaturas são despedaçadas por entre lágrimas, berros de pavor e risadas de escárnio. Tenho visto gente crescer, amigos mortos, catástrofes, arvôres que se cobrem de flôr, noites tão tûmidas de luar e de vozes dispersas, que dão vontade de morrer. Que faço eu aqui? Não acredito em nada a valer, não tenho fé, nem sou capaz de me sacrificar por uma idéa: vou no vagalhão, empurrado, arrastado ao sabor de ventanias. Parece-me que já vi tudo e já senti tudo. E no entanto tenho medo de morrer e ponho-me a pensar às vezes que só vale a pena viver para sonhar noutra vida melhor, para tecer quimeras e ideas... Mas tudo isso é tão fugitivo...

Vi que a multidão é má e se ri e despedaça, indiferente; vi que há homens tão desgraçados que até na dôr são ridículos. As suas amarguras fazem rir a multidão. Nascem para sofrer, eternamente perseguidos, encolhidos, habituados até à desgraça... Outros têm na vida um método e vão por aí fóra e tudo subordinam às suas fórmulas, torcendo a vida p'ra que ela caiba dentro de regras. Riem, choram, atropelam-se. Sofrem e fazem sofrer. E as árvores gelam de flôr, há noites de tanto luar que fazem palpitações de coração... Tudo em torno é indiferente a esta comédia, em que uns não sabem para que representam e os outros, de tanto escutarem, vão ouvindo sempre, sempre, as mesmas coisas, monótonas e repetidas...

Desolação infinita destas noites de invernã brava, com o mugir da água escura, o mar a buzinar na costa. Todos se deitam cedo, e eu encosto a testa, a escaldar de febre, aos vidros da janela... Como ninguém me conhece! como eu próprio me conheço mal!... Deus! É uma cova negra, de infinito, diante de mim... Só o mar brame numa tristeza que me faz chorar...

Passo o dia a espantar o pressentimento duma catástrofe e é singular como a desgraça me aproxima dos desgraçados. A desgraça não isola como a felicidade. Eu faço agora parte da legião dos que sofrem, e não é por mim só que eu falo nem sinto: é por eles todos. Vejo a desgraça em tudo. É que eu tudo acarvôo e só me contenta o sonho, construir

uma outra vida imaginária. E como um espinho a espicar-me persiste, tẽ que me enche, por fim, uma amargura infinita, uma desolação, que esta noite de ao pé do Mar, a água escura, a ventania revolta—mais acarvõam com o meu destino, a minha sorte, o meu futuro assim negro...

A desgraça nos outros afflige-me por egoismo. Quando alguém me descreve um doente ou eu o vejo, tenho pena por egoismo: começo a ver aquela doença em mim. E é por um raciocínio idêntico que dou esmola. Egoismo—egoismo e vaidade.

Encontro a dor no fim de tudo. Não vou para um prazer sem pensar no fim, na desgraça que em tudo se aninha, no tédio de ter realizado... E na minha alma se faz pouco e pouco um grande vácuo, um amargo tédio por a vida ser só isto, por o sol brilhar só duma forma, e por já ter imaginado todas as coisas... E no entanto eu não vivi senão por imaginação.

Ando a passear na vida uma imaginação desgraçada que me faz achar tudo pequeno na realidade. É assim que por imaginação tenho sofrido tudo e sentido tudo: portanto se uma desgraça cai sobre mim, ou se vou para um prazer, acontece-me sempre ter um—era só isto!—de espanto. Tantas vezes tenho assistido à minha perda e à dos outros, a escarlates quimeras, que ser morto ou ser rei, enforcado ou carrasco, não me espicaria com novas sensações. Estou gasto e velho porque sem—ó desgraça!—ter vivido, tudo vivi. Eis a razão de ao lado da minha amargura, do feito azêdo, de perseguido, que há em mim, uma outra porção da minha alma estar cheia de ilusões, de candura e de lágrimas: é que tem sido por imaginação e não na realidade que eu vivi...

Sou apenas um duro egoista, sem alma, capaz de me enternecer, duma grande sensibilidade, mas não duma grande Dor? De tudo sentir, mas não de sofrer muito?

Eu que me comovo com pequenas coisas, com uma palavra sentida, serei tam incompleto e tam grande egoista, que não seja capaz de sofrer? Homens de génio há que morrem-lhes os filhos e ficam secos, morrem-lhes as mães e ficam secos, e porque um certo dia, numa certa hora, pisaram um bicho, é como se lhes tivessem calcado o coração! Assim conheci eu alguém, que fugia de casa a chorar de tôdas as vezes que lhe podavam as fruteiras do quintal e que deixava a mãe a morrer à fome!

Esta piedade que eu sinto por tudo o que na vida magôa, não é um egoismo? Não é antes piedade por mim próprio e um dilacerar da minha própria alma?... A minha desgraça cavo-a eu e com que fúria! Pormenores que para os outros passam despercebidos, miudos casos da existência, que para nada importam, com que furor, ainda que se rompam fibras, eu não os cavo—coveiro, que anda abrir a própria cova para enterrar o quê? Restos que para nada importam, porque a alma, ilusões, tudo já despedacei. O meu infortúnio faço-o eu, maldita sensibilidade! A minha alma corcova, com pedaços torcidos, paralisias em parte e noutras tão sensível que se lhe não pode tocar...

Quando alta noite na cidade toda negra vejo uma janela que ainda luz, me digo: Tu, quem és, tece, tece, inda que tudo é vão, se quebrem os fios e nada te reste por fim; tece, inda que na engrenagem te vão ao certo pedaços de coração, de nervos e de alma...

A minha face empederniu-se. Apenas nas horas de dôr um rictus ma corta, com uma expressão de amargura. Poderosa mascara arrepelada de dôr, tenaz formada pelo nariz recurvo e pelos fortes maxilares salientes. Depois há nos meus olhos quietos e baços, nas menores linhas da minha figura, não sei que canalhice, que massa de lágrimas e de esgoto!...

De todo o que quiereria ser se fez em mim uma grande derrocada: por vezes ainda um resto de ambição brilha num ímpeto, como uma lamina que se desembainha, mas logo cai prostrada e morta...

Esta mesma secura em que vivo me aterra. Sou como uma criatura que visse o fundo de todas as coisas: no amor o interesse, na caridade o egoismo. Estou sêco como um mirrado galhõ de arvore ao fim do estio e em tudo encontro o fastio e o tédio.

O mesmo horror da morte me passou. Encolho os ombros agora, e, dentre tudo, só uma coisa me resta: o Sonho. No covil do meu quarto, donde agora nunca saio, agarro-me com sofreguidão à mais miuda idea, até que de a exagerar me canso. Tanto sonho que a queimo. Tenho mesmo os sonhos divididos, de forma que tudo o que eu quieria ser, os triunfos que sonhára, as grandes coisas que imaginara, as vejo, as tenho aqui comigo, conforme a minha vontade omnipotente. E há dias em que me deito cedo, dizendo-me: Vou ser Deus!

Quando escrevo, sósinho e fechado, acontece-me a miudo estar com medo de voltar a cabeça para trás: tenho a certeza absoluta de que aqui está *alguem* comigo, a olhar p'ra mim...

É por isto que eu fujo de conversar:

Sou tão comediante, que nunca digo o que penso e o que sinto. Também nunca ouço o que os outros dizem, e enquanto finjo escutar atento, penso no que vou dizer. Assim o que digo são restos de frases, palavras que trago na cabeça. E da conversa saio sempre humilhado e irritado...

Desato a chorar com uma pena de mim!... Estou aqui, estou doido.

Às vezes vou passear com outros e no fim duma hora acordo persuadido de que tenho conversado muito. Na verdade tenho ido mudo: a conversa tem sido comigo, sempre comigo, destacada, feita de pedaços, e não sei discriminar onde começa o sonho e acaba a realidade...

Eu nunca estou só. Quando me isolo é que estou mais acompanhado: torturas, sombras, ilusões...

Sucede-me às vezes ir pela rua fóra e ter a certeza que atrás de mim toda a gente parou a olhar-me... Não me volto, para não endoidecer, pois que tenho a certeza que dava com a Multidão parada, imóvel, a olhar-me, não com a mesma cara, indiferente, com que fingem não me conhecer, mas com a outra, maldosa e com risos... Os risos ouço-os eu a perseguir-me como um chapinhar de maré...

Foi isto: vi-me subito, num pavor, perseguido por uma multidão que se perdia na noite—e todos tinham a boca cheia de chufas e as mãos cheias de lama...

Porque não continuou o meu velho companheiro o seu *diário* de que apenas encontro estas folhas soltas? Ele interessava-me: só eu compreendia a dôr que me descrevia em horas de febre.

Esra noite encontrei-o enforcado numa oliveira, num arredor da cidade. O luar escorria sobre a ravina, e naquele sítio desolado, triste e inquietante, elle era cómico, pendurado na arvore, mais esguio, a calva a luzir-lhe como uma hóstia, mole, repugnante e cossado. *Diário?* Nem este velho bebado teve nunca diário! Foi decerto para se dar ares de incompreendido que deixou estas folhas ao pé da arvore. Como se a sua miséria fosse diferente das outras misérias! Escorraçado e azedo, perseguiram-no como um lobo até que o fizeram andar com fome e morrer como merecia...

Eu nunca conheci um homem mais pitoresco do que este canalha! Nunca também, como diante deste trapo de enforcado, compreendi melhor a minha alma... Estou seco, sem emoções, e cheio de raiva. Eu ainda venho a endoidecer. Não tenham pena de mim. Esta maneira que tenho de escrever aos golpes, inquieta-me até. E há quem escreva tão bem!... Muita gente anda iludida sobre a minha alma. Eu rio-me... Mas vamos lá a contar a historia do velho clown Halwain:

Muitas vezes me contou com redondos olhares de inveja as suas noites no Circo... (Decididamente eu hoje não posso fingir e escrever como das outras vezes. Muito me hei de eu rir, quando elles lerem a história da minha alma!...) Na claridade branca dos reflectores, elle fez intermédios que faziam mal: quis ter genio à força, e as suas farças afinal, longo e rapado, incomodavam como um remorso. Lembrava misérias, deboches a uivarem com fome, e era lamentável e triste como uma tumba. De chapéu alto e casaca enorme, rígido e longo, parecia um cadáver fugido ao cemitério. Pouco a pouco empregaram-no em serviços ridículos: era elle quem levava pontapés dos outros palhaços, e, como ninguém lhe dava palmas, tiveram de o pôr na rua, porque metia medo...

Começou então a sua vida de miséria. Com um usado tapete, um fato de mascarada e uma cabeleira de tres pontas, foi de rua em rua a pedir esmola e a clownear. Foi assim que eu o conheci, e só eu com ferocidade me ria, não das suas farças, mas da sua alma e da sua desgraça—para ter que me rir de alguém, para me vingar nele da minha nulidade—e para me rir de mim!... (Eu hoje escrevo muito mal, tenho nos ouvidos sempre esta zueira, e não me larga a idea de que endoideço...)

Velho, com fome, enquanto outros na claridade dos circos eram aplaudidos! Que raiva de morte! Ainda se a gente tem consciência de ter genio!... Mas assim: com a certeza da nulidade, da miséria, da velhice, quando há alguém que triunfa e que é belo!... E ver-se a gente, por dentro, odiento, mesquinho, impotente, tendo a certeza de que os outros são indiferentes ou, o que é pior, bem pior—o que dá vontade de assassinar—o saber-se que os outros dizem: coitado!

Coitado de quê! Tivesse eu energia para o assassinar, dizendo-lhe: tenho mais vida, vês, tenho mais genio do que tu!... Eu não quero amigos! eu não preciso de amigos para nada! eu agora vou-me rir de tudo o que não posso fazer, ouves?...

Começaram a cavar-se-lhe rugas da inveja, aos cantos da boca. Habitou-se a tudo: a pontapés, a dizer bem dos que odiava, para que elles consentissem que tivesse algum talento, a ter sempre um riso nos lábios espremidos, a passar horas mortais ouvindo dizer bem dos outros. — E nem uma mulher em quem bater! Nem uma pobre alma miserável que fizesse sofrer para se consolar. Ninguém para torturar, ninguém!...

(Eu hoje estou doente. Nunca escrevi pior. Esta história não ficava mal, com descritivo e a análise dessa velha alma, coçada e cheia de ódios miudos, através duma Cidade lóbrega e comida pela Peste e pelo Vício—a análise da minha própria alma... Mas não posso mais. Sinto que daqui a duas horas estou doido. Antes porém quero dizer-lhes uma coisa: acreditem que tinha algum talento. Fui sempre um desgraçado, sem felicidades e sem paz. E os outros são felizes... E também não me importo de o dizer, porque já não me podem fazer mal:—Fui eu que o matei. Enforquei-o por maldade, para me ver livre dele, que me affligia e valia muito mais do que eu—o meu miserável companheiro!...)

*

* *

Foi então que o Pita, que andava sempre a meter o nariz nos papéis dos hóspedes da D. Felicidade, disse de si para si: —Estás pronto!...

(Continua).

RAÚL BRANDÃO

* * * *

Toda a gente acreditava nesse direito divino da propriedade de fazer o que lhe desse na vontade, doutrina socialmente mais desastrosa que o direito divino dos reis. Não havia então esse sentimento da imoralidade do açambarcamento que hoje perverte a consciência pública. O operário devia não só trabalhar, mas agradecer ainda o trabalho que lhe dessem. Os proprietários conservavam as suas propriedades e davam-nas ou não a cultivar e a desenvolver, conforme lhes apettesse. Estas ideas ainda hoje não estão completamente extintas. Mas a maioria dos proprietários e das pessoas influentes da Europa já não acredita, como os mais inteligentes dos operários, no direito sagrado da propriedade de suspender o seu desenvolvimento e ditar condições. A idea da razão colectiva e da natureza fiduciária da propriedade alvorecia já na comunidade europeia alguns anos antes da guerra. A necessidade, derivada da guerra, da cooperação e do desaparecimento súbito, violento mesmo, da individualidade num interesse comum, cristaliza esta idea em uma clara proposição. A guerra é uma coisa muito má, mas as pessoas que não querem aprender pela razão tem necessidade dum mau professor. Ela fez compreender a toda a gente a supremacia do bem público sobre todas as espécies de pretensões individuais.

WELLS.

* * * * *

«SEARA NOVA»

Aos nossos assinantes e a todas as pessoas que se inscreverem durante o 1.º semestre do anno corrente, como assinantes da Revista, será feito o desconto de 50 % nas edições da *Seara Nova*, publicadas até 30 de Junho de 1922. A partir dessa data, os assinantes da Revista terão direito ao desconto de 20 % sobre as nossas edições. Cada assinante tem direito apenas a um exemplar de cada obra, com o referido desconto.

A partir deste numero, a Empresa de Publicidade *Seara Nova* incumbem-se de satisfazer, aos seus assinantes, anunciantes e agentes da provincia, a expedição cuidada e rápida de livros e qualquer outro genero de publicações, nas condições habituais de todas as livrarias.

Só a partir do numero 13, passaremos a publicar a Revista com 16 páginas em corpo 8, para darmos aos leitores a mesma quantidade de texto num papel melhor. Poderemos assim valorizar em tudo o aspecto da nossa Revista, e sobretudo na reprodução das gravuras.